

BADEN POWELL & PAULO CÉSAR PINHEIRO

Entre Vinicius e Paulo o ritmo de Baden — por *Sérgio Cabral*.

Tornando-se reconhecido como compositor em parceria com Vinicius, Baden encontrou, mais tarde, Paulo César Pinheiro, com quem criou algumas das mais belas canções da MPB.

Baden e Paulinho: um amor à prova de infidelidades — por *Eloí Calage*.

Embora Paulo César tenha outros parceiros, suas letras combinam tão bem com a música de Baden, que é difícil imaginá-las separadas.



HISTÓRIA DA **MÚSICA**
POPULAR
BRASILEIRA
GRANDES
COMPOSITORES

— Sérgio Cabral —

ENTRE VINICIUS E PAULO O RITMO DE BADEN

Famoso como violonista e compositor, Baden formou com o então desconhecido Paulo César Pinheiro uma parceria responsável por algumas das canções que mais se destacaram na virada da década de 60 para a de 70.

Baden Powell.

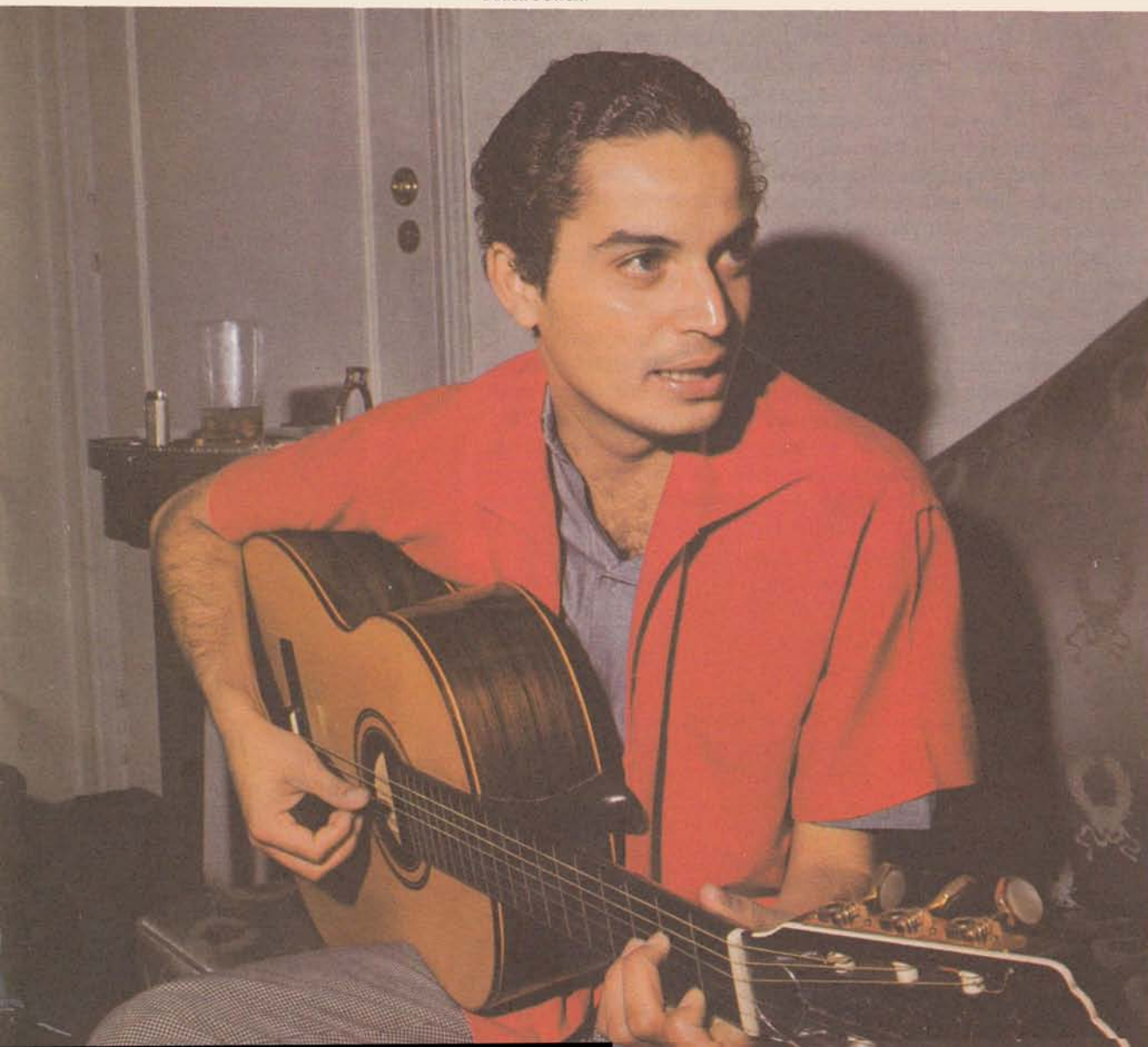


Foto Abril Press

Entre Baden Powell e Paulo César Pinheiro há uma distância de doze anos. Foi por isso — e também porque Baden já era um nome consagrado no Brasil e no exterior — que Paulo César ficou tão surpreso ao receber o convite para que ambos formassem uma nova dupla na música popular brasileira. O letrista tinha apenas dezesseis anos de idade.

Baden Powell já sabia, por experiência própria, que idade e fama não constituem problemas graves na formação de uma parceria, pois a sua projeção como compositor foi obtida juntando as suas melodias às letras de Vinicius de Moraes, 24 anos mais velho do que ele e muito mais famoso.

Aos dezenove anos de idade, Baden já era um violonista conhecido, mas pouca gente o reconhecia também como compositor. Em 1955, quando começou a tocar na Boate Plaza ao lado do tecladista e contrabaixista Ed Lincoln, a música executada na noite de Copacabana já se enquadrava no gênero que receberia o nome de bossa nova. A interpretação de Baden tinha toda a modernidade exigida por aquele movimento, mas ele acrescentava o aprendizado obtido no trabalho anterior e nas aulas que, a partir dos oito anos, tomou do velho Jaime Florence, o Meira do Regional do Canhoto, seu professor de violão durante sete anos. Por tudo isso, reunia em seu violão todos os ingredientes para uma interpretação absolutamente original: ia dos acordes mais recentes do jazz às baixarias mais características da nossa música tradicional.

Assim, o violão de Baden não tinha a “secura” do violão de João Gilberto, que, com seu estilo radicalmente enquadrado dentro das fronteiras da bossa nova, rompera com a velha escola da música tradicional brasileira. A própria música feita por Baden não tinha a radicalização bossa-novista de um Roberto Menescal, por exemplo. Isso foi comprovado a partir de 1956, quando compôs o *Samba Triste*, com Billy Blanco, música só gravada quatro anos mais tarde, por Lúcio Alves. O instrumentista e compositor, a par de um talento especial, levava sobre seus colegas a vantagem de ser mais esparramado (como determina a tradição de nossa música). Por tudo isso,

tanto como violonista quanto como criador de músicas, Baden Powell não permaneceu naquela batida repetitiva da bossa nova, nem na busca desmedida das harmonias jazzísticas. Foi muito mais, acrescentando aos recursos introduzidos por João Gilberto o ritmo quente do samba, o balanço mulato e o lirismo das canções antigas. Assim, Baden Powell explodiu como artista no final da década de 50, sob o signo do presente, do passado e do futuro.

Baden ainda não era um compositor reconhecido nem mesmo pelos seus colegas de música, quando, em 1962, Vinicius de Moraes lhe propôs a parceria. Foi assim, segundo contou, mais tarde: “Vinicius estava internado numa casa de saúde para recuperar a saúde e me convidou para trabalharmos juntos. ‘Baden, venha cá e traga uma garrafinha de uísque’. Eu ia pra lá todos os dias, mas com a garrafa escondida embaixo do braço e vestindo um longo capote. Foi uma boa safra de composições e essa foi uma das fases mais marcantes de minha carreira”.

E foi mesmo. Se considerarmos apenas o compositor, foi a fase mais marcante de sua carreira, ampliando a sua obra para muitas direções, aprofundando umas e descobrindo outras. As bem-sucedidas tentativas feitas, nos anos 30, por Hekel Tavares e por compositores da área erudita para casar uma contribuição — digamos — ocidental com os ritmos negros foram levadas às últimas conseqüências por Baden Powell, nessa fase de composição com Vinicius, quando lançou os afro-sambas com muito sucesso. Para se ter uma idéia desses afro-sambas, basta citar alguns exemplos daquela safra, como *Olô Viola*, *Tristeza e Solidão*, *Bocochê*, *Canto de Xangô*, *Samba do Veloso*, *Canto de Ossanha*, *Canto do Caboclo Pedra Preta*, *Berimbau*, *Samba da Bênção*, *Canto de Iemanjá*, *Lamento de Exu* e *Consolação*.

Baden foi além dos afro-sambas. É daquela época, por exemplo, o feliz contraponto do *Samba em Prelúdio*, que tanto marcou a nossa música popular no início da década de 60. A dupla compôs canções como *Bom Dia*, *Amigo e Além do Amor*, e uma série de sambas com o sabor dos sambas antigos, como *Tempo Feliz*, *Formosa*, *Pra que Chorar*, *Deixa e Amei Tanto*. Sobre esses sambas, por sinal, há dois detalhes curiosos. O primeiro deles é o de que *Tempo Feliz* foi a primeira manifestação de Vinicius contra o movimento militar de 1964. O protesto pode ter sido um tanto tímido, mas, sem dúvida, foi bem claro. O segundo detalhe é que grande parte desses sambas foi feita em Paris, na segunda viagem de Baden Powell à Europa, e remetida para o cantor *Ciro Monteiro*, com um pedido da dupla para que ele gravasse um LP. *Ciro* atendeu ao pedido com grande alegria, mas esbarrou num problema: para que o disco ficasse completo, ainda faltava um samba. Problema que o cantor resolveu, compondo *Alô, João*, um samba registrado pelo próprio *Ciro*, com os nomes de Baden e Vinicius como autores. Quem conheceu *Ciro Monteiro* sabe que só ele seria capaz de fazer uma coisa dessas. Baden e Vinicius souberam que eram os “autores” de *Alô, João* somente depois de voltarem ao Brasil, já com o disco nas lojas.

Foi, aliás, um ano antes dessa segunda viagem à Europa que Baden conheceu Paulo César Pinheiro, então um menino de catorze anos, amigo do seu primo e também violonista e compositor, João de Aquino. Dois anos depois, a parceria foi formada e nasceu *Lapinha*, campeã da I Bienal do Samba, da TV Record, em 1968.

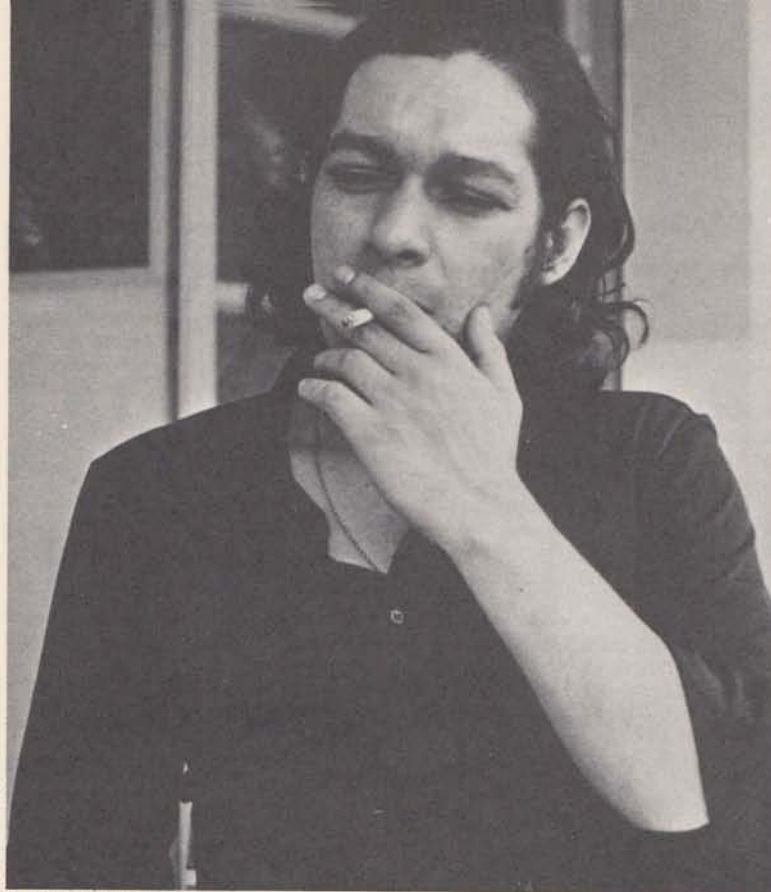


Foto: Abril Press

Paulo César Pinheiro.

Adupla Baden Powell/Paulo César Pinheiro foi responsável por algumas das canções que mais se destacaram na virada da década de 60 para a de 70. Elis Regina, que havia cantado *Lapinha* na I Bienal do Samba, encarregou-se de lançar muitas dessas músicas, cujas letras tinham alguma coisa do estilo do letrista Vinicius de Moraes, mas que carregavam também muito da bossa apreendida pelo jovem poeta em sua vivência de garoto suburbano de São Cristóvão, amigo do pessoal de Mangueira e adjacências. Por isso mesmo, tinham uma brasilidade muito forte, com soluções que acabavam até dificultando o trabalho daqueles que tentavam traduzi-las para outros idiomas. Já nas primeiras músicas de Paulo César Pinheiro ficou evidente o aparecimento de um estilo de letra, de um jeito muito especial de transmitir mensagens de amor e até de colocar posições políticas. Ora Paulo César recupera gírias antigas (“Eu, hem, Rosa”), ora entrega-se ao mais puro lirismo (*Refém da Solidão*), ora é o cronista do cotidiano (*A Velhice da Porta-Bandeira*), ora tenta experiências extremamente audaciosas de linguagem (*Sagarana*, na qual reproduz o estilo de Guimarães Rosa). E foi dele a letra mais contundente e dura contra a falta de liberdade de criação no início dos anos 70. Em *Pesadelo*, conseguiu driblar a censura, apesar das críticas dirigidas a ela pela própria letra: “Que medo você tem de nós/ Olha aí.../ Você corta um verso, eu escrevo outro/ Você me prende vivo, eu escapo morto”.

Na obra de Paulo César Pinheiro, aparecem inúmeros parceiros. Iniciando-se com João de Aquino e Baden Powell, o poeta passou a ser uma espécie de letrista favorito dos nossos criadores de melodias. Entre os seus parceiros figuram Edu Lobo, Maurício Tapajós, Tom Jobim, Francis Hime, João Nogueira, Eduardo Gudim, Miltoninho (do MPB-4), Paulinho Valdez, Dori Caymmi, Mauro Duarte e Radamés Gnatalli. E não houve um ano, desde o início de sua carreira, em que pelo menos uma de suas obras deixasse de obter grande projeção. * *

Sérgio Cabral é jornalista e crítico musical.



Foto: Abril Press

Capa do segundo LP de Baden editado na Alemanha.

Baden projetou-se como compositor ainda muito jovem, quando fez parceria com Vinicius, já famoso. Isso se repetiu em relação a Paulo César Pinheiro, que, na época de *Lapinha*, vencedora da I Bienal do Samba, era ainda um menino. Baden, por sua vez, já solidificara a fama de compositor e de intérprete.

PARCERIA E AMIZADE SELADAS NUMA PRODUÇÃO CORAJOSA

Baden iniciou cedo sua carreira e tornou-se nome internacional como intérprete; como compositor, é dono de vasta produção onde se incluem obras em parceria com Paulo César Pinheiro — um dos mais versáteis e inspirados letristas de nossa música popular.

Baden Powell.



Foto de Nelson Di Raggio/Abriil Press

Baden Powell de Aquino nasceu em Varre-Sai (RJ), a 6 de agosto de 1937, e logo depois a família se mudou para o bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro. O futuro compositor recebeu esse inusitado nome porque seu pai, o violonista Lino de Aquino, quis homenagear o fundador do esotismo, Robert Baden-Powell.

Mas o nosso Baden preferiu a música

aos acampamentos no meio do mato. Aos oito anos começou a estudar violão clássico com Meira (Jaime Florença), violonista do Regional do Canhoto. Entre as principais influências que recebeu estão também as de Dilermando Reis e Garoto. Aos treze anos, já premiado como solista no programa de Renato Murce da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, Baden começou a tocar

em bailes e festinhas. Enquanto cursava o ginásio, no Instituto Cyleno, no bairro de São Januário, costumava dar umas escapadas até Mangueira, onde tocava seu violão acompanhado pelo batuque da molecada do morro.

Mais tarde, começou a trabalhar na Rádio Nacional e a excursionar pelo interior, acompanhando o pessoal da emissora. Em 1955, ligou-se profissionalmente ao jazzista Ed Lincoln na Boate Plaza, em Copacabana. Ali costumava se reunir um grupo de jovens que constituiria um dos núcleos da bossa nova. Entre eles, Antônio Carlos Jobim.

O primeiro sucesso de Baden Powell, *Samba Triste*, com letra de Billy Blanco, data do ano seguinte. Quando a bossa nova atingiu o apogeu, essa composição foi sucesso em LPs e festivais. Ainda em meados dos anos 50, Baden compôs sozinho *Deve Ser Amor*, *Encontro com a Saudade* e *Não É Bem Assim*.

Em 1962, acompanhava Sylvia Telles num show da Boate Jirau. Foi ela quem o apresentou aos papas da bossa nova: João Gilberto, Tom Jobim, Vinícius de Moraes. Nasceu logo depois a parceria Baden/Vinícius, responsável por mais de cinquenta composições. A primeira

Baden Powell.



Foto de Paulo Salomão/Abriil Press

lo César Pinheiro e iniciou com ele uma profícua parceria: *Lapinha*, *Cancioneiro*, *Samba do Perdão*, *Meu Réquiem*, *É de Lei*, *Refém da Solidão*, *Violão Vadio*, *Aviso aos Navegantes*, *Carta de Poeta*, *Sagarana* etc.

Em 1966, Baden Powell conseguiu nova classificação no Festival de MPB da Excelsior, desta vez com *Cidade Vazia* (em parceria com Lula Freire). Do mesmo ano são o LP da *Elenco Baden Powell Swings with Jimmy Pratt* e um álbum da *Forma* no qual canta, com Vinicius de Moraes, os afro-sambas. Seguiram-se *O Mundo Musical de Baden Powell* (Barclay-RGE) e *Baden Powell ao Vivo no Teatro Santa Rosa* (Elenco). Além disso, o *Samba da Bênção* foi incluído na trilha sonora de *Um Homem, uma Mulher*, filme dirigido por Claude Lelouch.

Em 1967, apresentou-se no Festival de Jazz de Berlim e recebeu, em Paris, o Disco de Ouro por seu álbum *O Mundo Musical de Baden Powell*. Gravou então *Mundo Musical n.º 2*, junto com a Orquestra Sinfônica de Paris. No ano seguinte, gravou o LP *Baden Powell e*, em 1969, *27 Horas de Estúdio*. Em 1970, retornou à França e gravou, para a Barclay, uma série de três LPs (*Baden Powell Quartet*) e outro com seu nome.

Já no Brasil, em 1971/72, registrou o álbum *É de Lei*, pela Philips; em 1973, lançou *Solitude on Guitar*, gravado na Alemanha Ocidental. O ano de 1974 trouxe outro LP com o título *Baden Powell*, este registrado ao vivo na capital francesa.

Em 1975, deu-se uma grande mudança na vida do boêmio Baden: seu casamento com Sylvia. Dessa época em diante, o artista viveu mais tempo na Europa que no Brasil. Lá gravava, em média, três LPs por ano e fez inúmeros shows, todos para um público de cerca de 2 000 pessoas. Foi em Paris que nasceu Philippe Baden Powell de Aquino, a 14 de abril de 1978. Para seu filho o inspirado e emocionado Baden fez a *Canção das Flores*.

Em fins de 1979, Baden voltou ao Brasil para estrear um show no Teatro Procópio Ferreira, em São Paulo. Trouxe uma série de novas composições, inclusive afro-sambas, com o que pretendia

montar um balé, juntamente com Vinicius de Moraes e reutilizando a série composta pela dupla nos anos 60. Mas o projeto não se concretizou, devido a problemas econômicos e à saúde debilitada do parceiro Vinicius. Isso, bem como a baixa frequência a seus shows, abateu Baden, que desabafou:

— Só quem não gosta de música brasileira são os brasileiros.

Em 1980, há mais de um ano no Brasil, fez o show *Nosso Baden* no Teatro Clara Nunes, no Rio. O espetáculo foi usado também num álbum homônimo.

Logo depois, Baden voltou à Europa e à roda-viva de gravações e shows. Um deles, feito em 1981 no Teatro Nacional de Milão, mereceu este comentário do crítico Michele Anselmini, no jornal *L'Unità*: "A música de Baden Powell talvez não seja mais catalogável. 'Afro-sambas', dizem os cartazes de propaganda; mas Powell, e com ele Tom Jobim, Ary Barroso, João Gilberto, Vinicius de Moraes, foram muito mais além, onde a música de um povo se torna música de todos. E nós lhes somos gratos por isso".

Você me prende vivo, eu escapo morto

Paulo César Francisco Pinheiro nasceu no Rio de Janeiro, a 28 de abril de 1949. Aos treze anos, quando morava em Angra dos Reis, fez seus primeiros versos mais consistentes. E conheceu João de Aquino, primo de Baden Powell.

Aos quinze compôs, com João, *Viagem*, que muitos críticos consideram ter uma das letras mais bonitas da MPB.

João de Aquino apresentou-o a Baden, que se interessou pelo jovem, transformando-o num de seus parceiros mais constantes. A primeira composição da dupla foi *Lapinha*, que venceu a I Bienal do Samba da TV Record de São Paulo, em 1968. Essa música acabou se tornando um grande sucesso nacional, na voz de Elis Regina. No mesmo ano, Paulo César compôs *A Grande Ausente*, com um novo parceiro: Francis Hime. Ainda com Hime fez *Anunciação*, que, ao lado de *Sagarana* (de Paulo César e



Paulo César Pinheiro.

Clara Nunes e Paulo César.



Foto de Joel Maia/Abril Press

delas foi *Canção de Ninar Meu Bem*, seguida por *Samba em Prelúdio*; *Labareda*; *Astronauta*; *Só por Amor*; *Bom Dia*, *Amigo* e outras.

Ainda em 1962, viajou a Paris e tocou, no Olympia, Ravel, Bach, e muitos de seus sambas. Agradou tanto que foi contratado pela Boate Bilboquet. Permaneceu na França por dois anos, durante os quais, entre outras coisas, compôs a trilha sonora do filme *Le Grabuge* e o samba *Formosa* (com Vinicius).

Quando a música de um povo se torna a música de todos

Em 1964, de volta ao Brasil, Baden passou seis meses na Bahia, entrando em contato direto com o som e a batida do candomblé e da capoeira. Os ritmos afro-baianos já o fascinavam: havia composto, com Vinicius de Moraes, *Berimbau* e *Samba da Bênção*, ambos calca-

dos na música das ruas de Salvador.

Retornou ao Rio impregnado da riqueza sonora da Bahia e compôs (ainda com Vinicius) seus famosos afro-sambas: *Canto do Caboclo Pedra Preta*, *Lamento de Exu*, *Canto de Iemanjá*, *Canto de Ossanha*, *Tristeza e Solidão* e *Canto de Xangô*.

Em 1965, ano em que classificou no I Festival de MPB da TV Excelsior sua *Valsa do Amor Que Não Vem* (com letra de Vinicius), conheceu o jovem Pau-

Elis Regina, Vinicius de Moraes e Baden.



Foto Abril Press

Baden Powell.



Foto de Paulo Salomão/Abril Press

Baden iniciou-se na vida artística como intérprete. Em 1955, apresentava-se na Boate Plaza, ponto de reunião do que seria o núcleo da bossa nova, partindo também para a composição. É dessa fase a parceria com Vinicius, cuja produção chegou a cinquenta músicas, entre elas grandes sucessos. Assim como a bossa nova, Baden não se limitou às nossas fronteiras, projetando-se rapidamente no exterior, onde ainda mantém público assíduo, fiel e entusiasmado.

Baden e Dori Caymmi.



Foto Abril Press

Baden e a cantora francesa Janine numa apresentação na Alemanha.



Foto Abril Press



PESQUISA

Os versos de Paulo César aos treze anos já nasciam consistentes. E a parceria com Baden veio simplesmente confirmar seu talento em músicas que o projetaram nos festivais de MPB. A partir disso e de outras parcerias bem-sucedidas, Paulo entrou para o rol dos nomes obrigatórios na história de nossa música popular.

Paulo César Pinheiro.



Foto de Paulo Salomão/Abril Press

Baden), participou do III Festival Internacional da Canção, da TV Globo.

O ano de 1969 confirmou a parceria Baden Powell/Paulo César Pinheiro: Sermão concorreu ao IV FIC, arrancando aplausos calorosos do público.

Em seguida, Paulo César Pinheiro viajou para a Europa, apresentando-se na Olympia de Paris ao lado de Baden Powell. A viagem selou a parceria e a amizade. Tanto que, ainda em 1970, quatro músicas da dupla foram gravadas por duas estrelas alfas da MPB: Elis Regina (*Samba do Perdão, Quaquaraquá e Aviso aos Navegantes*) e Elizeth Cardoso (*Refém da Solidão*).

O trabalho de Paulo César nessa fase incluiu também as trilhas sonoras da te-



Foto de Daniel Geller/Abril Press
Chico Buarque, Paulo César e Clara Nunes.

lenovela *O Semideus* (doze músicas) e do filme *A Vingança dos Doze*, de Marcos Farias. Competente e organizado, foi ainda o responsável pelos roteiros das apresentações de Baden Powell.

Em 1971, seu *Lá se Vão Meus Anéis* (em parceria com Eduardo Gudín), interpretado pelos Originários do Samba, arrebatou o primeiro lugar do IV Festival Universitário de Música Popular, promovido pela TV Tupi do Rio de Janeiro. Idêntico sucesso acompanhou *Diálogo* (com Baden), participante do VII FIC (1972) e vencedora de um festival de música popular da Espanha.

Nos primeiros anos da década de 70, Paulo compôs também músicas para cinema, principalmente com Dori Caymmi. Dos filmes destaca-se *Tati, a Garota*, de Bruno Barreto (1973). Fez ainda, em parceria com Edu Lobo, a música para a peça *A Teoria na Prática É a Outra*, de Antônio Pedro.

Em 1974, finalmente, gravou seu primeiro disco. No ano seguinte, com Eduardo Gudín e a cantora Márcia, montou o espetáculo *O Importante É que a Nossa Emoção Sobreviva*, com músicas e poemas. Do show foram extraídos dois LPs ao vivo, com destaque para *Mordaça* (Paulo César/Gudín) e *Pesadelo* (Paulo César/Maurício Tapajós), ambas de marcado conteúdo social — numa época em que a liberdade de expressão era praticamente nula.

Ainda em 1975, Paulo César conhe-

ceu Clara Nunes, com quem se casaria. Para ela comporia, mais tarde, junto com João Nogueira, o samba *Mineira*.

No ano seguinte apresentou-se no Teatro Ginástico do Rio de Janeiro e gravou seu segundo LP solo: *Canto Brasileiro*. E continuou formando parcerias de peso: com Baden (*É de Lei, A Volta, Violão Vadio, Última Forma*), Gudín (*A Velhice da Porta-Bandeira, Olha Quem Chega, Justiça, Maior É Deus*), Maurício Tapajós (*Faz Tempo, Agora É Portela 74*), Edu Lobo (*Vento Bravo*), Miltoninho (*Cicatrizes*), João Nogueira (*Espelho, Batendo à Porta, Eu, hem, Rosa?*), Tom Jobim (*Matitaperê*).

Sua união com Clara Nunes foi marcada por muitas afinidades. Mas, profissionalmente, apesar de os dois estarem ligados à música popular brasileira em geral e ao samba em particular, desenvolveram trabalhos independentes. Não obstante, Clara gravou diversas músicas do marido, como *Menino Deus, Rafo de Boca, Punhal* e outras.

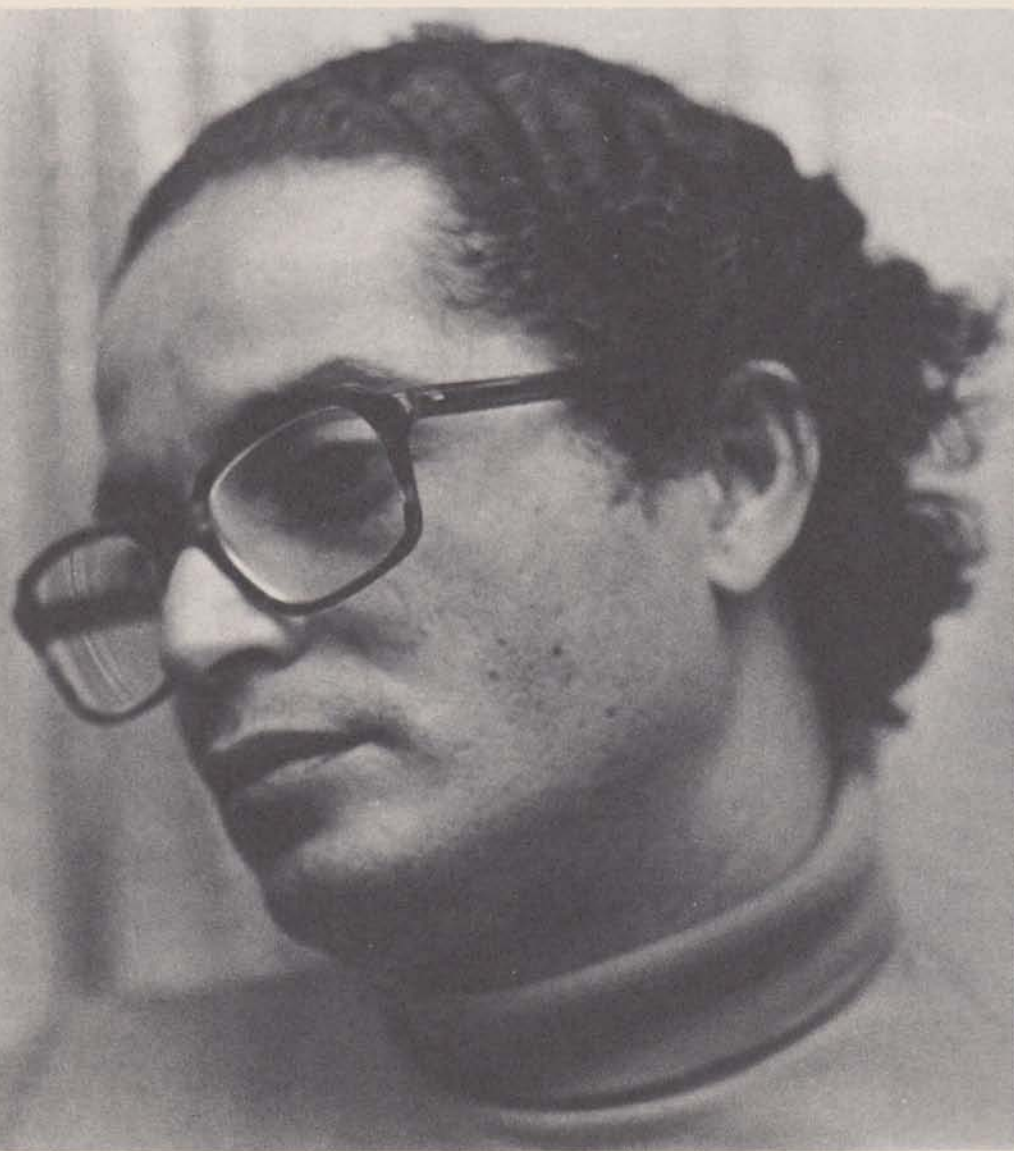
Em 1980, Paulo César Pinheiro lançou mais um LP, dividido, segundo ele, em duas partes: de um lado, o sertão, influência do pai paraibano; de outro, a cidade, o subúrbio, os botequins, a vida boêmia.

Avesso a limites na expressão artística, editou poemas seus no livro *Canto Brasileiro* e planejava, em 1982, adaptar para o cinema a música *Matitaperê*, que fez com Tom Jobim. **

BADEN E PAULINHO: UM AMOR À PROVA DE INFIDELIDADES

Enquanto Baden Powell sempre foi todo ouvidos, Paulo César Pinheiro é um apaixonado pela palavra. E a música de um casa perfeitamente com a palavra do outro, compondo uma dupla de primeira linha da MPB.

Baden Powell.



Convido Tom Jobim para falarmos sobre Baden Powell e ele se recorda da última vez em que os dois estiveram juntos, no apartamento de Baden, em Paris. A lembrança provoca saudades em Tom, que, entretanto, não lamenta, porque sabe que o amigo está bem, feliz — a Europa inteira curvada diante do som refinado do seu violão. E Tom conclui com uma risada: “lugar de mulato é na Alemanha”.

A Alemanha, certamente, valoriza e está em condições de, juntamente com o resto do chamado Primeiro Mundo, manter em seu território, ouvindo ao vivo, aquele que foi chamado pelo crítico Joachin Berendt de um dos “grandes guitarristas do século XX”, ao lado de Barney Kessel, Jim Hall e outros poucos. A nós, do Terceiro Mundo, cabe o privilégio de sermos, além de contemporâneos, conterrâneos do seu gênio.

Mas quem é este mulato brasileiro com nome de inglês para quem o som de Barney Kessel foi um dos primeiros grandes modelos musicais? Filho de um pequeno fabricante de tamancos, ele já era ídolo, um dos grandes do Olimpo musical brasileiro quando conheceu Paulo César Pinheiro, um adolescente que, depois do grande encontro com Vinicius de Moraes, se tornaria o seu grande parceiro.

Naquela época, Paulinho já tinha escrito seu primeiro ver-

Baden Powell.



so, “com uma emoção que nunca senti igual”, e até criado Viagem, em parceria com João de Aquino, primo de Baden. Mas ainda agora Paulinho recorda que ficou mudo diante do convite de Baden para uma parceria. O impacto foi tão forte que Paulinho encabulou e até que nascesse *Lapinha*, em 1968, quase um ano depois do encontro e do convite, ele apenas acompanhou Baden por tudo quanto foi canto. Foi um período de revolução na vida de Paulinho, mas, a partir dali, os laços de amizade e a afinidade se desenvolveram a tal ponto que, mesmo à distância, eles conseguem criar juntos. Não foram poucas as vezes em que Baden chamou Paulinho pelo telefone para apresentar-lhe uma música nova. E na mesma hora, ouvindo a fita, Paulinho começava a cantarolar os versos de mais uma canção, que vinha e voltava, unindo dois continentes num ato de criação: Baden Powell em Paris, Paulo César Pinheiro no Rio de Janeiro.

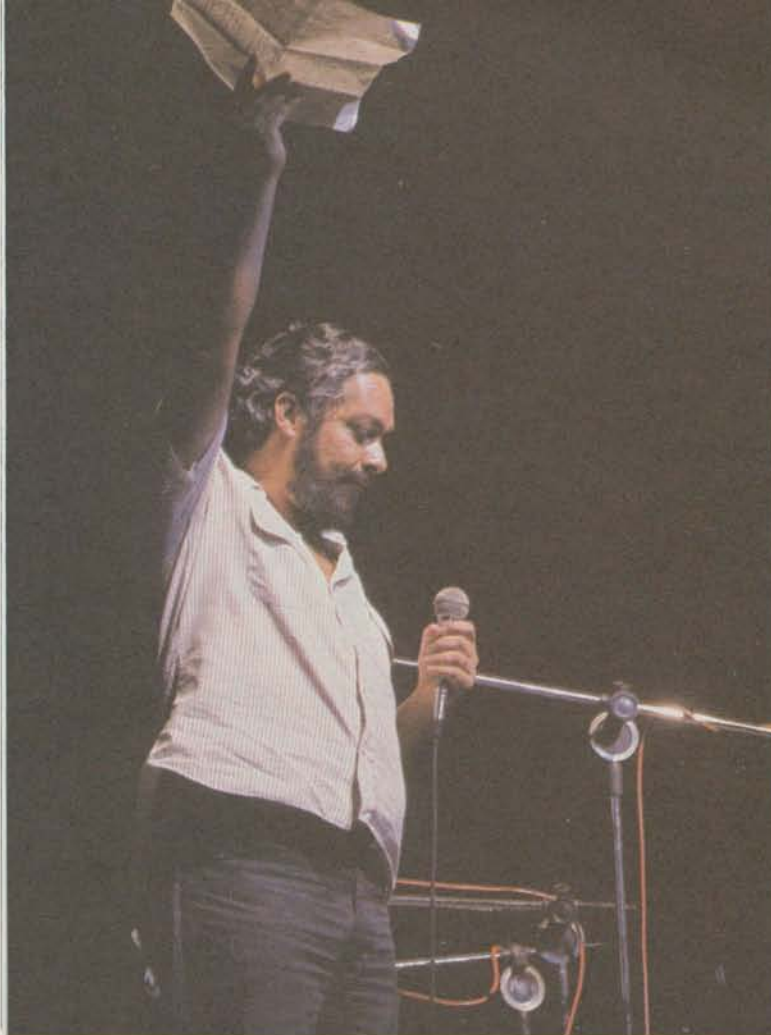
Nada acontece ao acaso e não deve ser simples coincidência o fato de este mulato brasileiro carregar o nome que carrega. Nele, o internacionalismo começou pelo registro civil. Fortemente influenciado pelo jazz, Baden, em quem os europeus detectam uma continuação da tradição guitarrista barroca, é um artista do mundo, que o mundo reconhece como um artista brasileiro.

Essa brasilidade sem acanhamentos chauvinistas é uma das características fortes da parceria Baden e Paulinho, que se conheceram numa festa de batizado no subúrbio carioca de Ramcés. E até nas diferenças os dois se completaram: Baden sempre foi todo ouvidos; Paulinho curtia música como qualquer um, nunca pensara em compor, vivendo como vivia obcecado pelos livros, lendo tudo que encontrava pela frente. Palavra é o ramo de Paulinho. E a palavra de Paulinho casa tão bem com a música de Baden que ninguém imaginava encontrá-las separadas. Ainda mais que, conforme admite Paulo César, Baden sempre foi um parceiro muito ciumento: não gostava de saber que o seu letrista criasse com outro compositor.

Mas quis o destino que fosse o próprio Baden quem apresentasse Paulo César a Dori Caymmi e Francis Hime, duas das inúmeras infidelidades cometidas por Paulo César. Baden encarou os fatos com bom humor e continuou parceiro de Paulinho, compreendendo que nada tinha a perder — quem sabe a ganhar — com a versatilidade de Paulo César. Foi Chico Buarque, apresentando o livro de poemas *Canto Brasileiro*, quem escreveu que a infidelidade é uma virtude do bom letrista, “porque letrista completo vai com qualquer um”.

E, assim, ao longo de sua carreira, Paulo César Pinheiro tornou-se, possivelmente, o letrista mais versátil da música brasileira — aquele que ouvimos casado com a música de Tom Jobim, Edu Lobo, João Nogueira, Maurício Tapajós, Francis Hime, Miltoninho, Théo de Barros e outros, num total de mais de duas centenas de composições.

Mas, assim como Paulo César é versátil e infiel em relação aos seus parceiros, Baden é constante e fiel aos dois veios de sua criatividade: exercita-se constantemente não apenas como compositor, mas também como intérprete. E a sua paixão pelo instrumento é tão grande, a música instrumental tão pouco valorizada entre nós, que ele teve de sair por aí “ganhando o coração do mundo”, como escreveu Vinicius de Moraes, para quem Baden foi mais que um parceiro, foi “um duende da floresta afro-brasileira de sons”.



Paulo César Pinheiro.

Foto de Jorge Rosenberg

Baden não consegue ficar sem tocar e, embora tenha seu porto em Paris, ele vive viajando, espécie de musiconauta, presença obrigatória nos grandes festivais europeus de jazz ou em pequenas casas de espetáculo. Segundo conta Paulo César, Baden certa vez ficou durante seis meses em *tournee* pela Europa, uma apresentação depois da outra. E é por isso que, além de debochada, é bastante triste a observação de Jobim: o lugar dele é lá mesmo, onde ele pode tocar sem parar; “no Brasil, se o músico não se cuida acaba tocando de graça, em troca de bebida, que além de tudo acaba com a saúde”.

Enquanto Baden se cuida e amplia cada vez mais seu repertório, Paulo César continua criando letras para seus incontáveis parceiros e volta ao ponto de origem: a poesia.

Canto Brasileiro é o seu primeiro livro de poemas. O letrista quer ser lido, aposta num caminho distinto, em que cada leitor possa sentir “o canto interior da leitura do canto exterior do silêncio”. Ele tem grande orgulho desse livro, que distribuiu em bancas de jornal, mas, mesmo optando por essa volta à origem, não deixou de publicar, no final do livro, uma seleção de letras de música.

Relembro Paulo César Pinheiro, numa sala de gravadora, a falar da volta de sua paixão pela poesia, que estava ocupando todas as suas manhãs. Naquele momento, Paulo César estava terrivelmente chocado com a morte de Elis Regina, a quem chorava como amigo e como compositor. Quando um grande intérprete se vai, vai junto a carne do compositor, foi o que disse. E não posso deixar de pensar no Paulinho homem apaixonado, autor da letra de *Mineira*, homenagem a sua mulher, Clara Nunes, que veio a falecer, em condições tão dramáticas, em abril de 1983. * *

A parceria Baden/Paulo César foi, muitas vezes, feita à distância. Baden o chamava pelo telefone para lhe apresentar uma música nova. E, na mesma hora, ouvindo a fita, Paulinho começava a cantarolar os versos da nova composição, num enlace fecundo que unia dois continentes: Baden em Paris, Paulo César no Rio de Janeiro.